

Sociedad e Infancias

ISSN: 2531-0720

<http://dx.doi.org/10.5209/SOCI.59552>EDICIONES
COMPLUTENSE

Ward, Colin (1978). *The Child in the City*. New York: Pantheon Books, 221 páginas. ISBN: 0394498453.

Cidades estão sempre em contínuo movimento e influenciam e são diretamente influenciadas pelo modo de vida de seus habitantes. Por agregar as mais diversas relações humanas, definidas nas interações de pessoas e delas com o espaço, cidades apresentam-se como um contexto propício para o estudo da sociedade (Park, 1979). A grande concentração urbana desencadeia diferentes problemas sociais e estes podem ser discutidos para além da questão material das construções de concreto, mas a partir de processos pessoais que seus habitantes estabelecem com tais espaços, criando sentidos e significados para eles. Por este motivo, “[...] as cidades são tanto os dados imediatos de suas materialidades, quanto o impalpável dos sonhos, dos desejos” (Paula, 2006: 21).

Louis Wirth (1979) igualmente destaca a importância de serem desenvolvidos estudos sobre a cidade e seus habitantes, com o objetivo de evidenciar suas formas de ação e organização social. E é a partir de tal pressuposto que o livro *The Child in the City*, publicado originalmente em 1978, por Colin Ward, pode ser considerado uma referência clássica para diferentes campos das Ciências Sociais, sobretudo para a Sociologia Urbana.

Ward era britânico e seu posicionamento político foi marcado pelo anarquismo. Atuou como arquiteto e urbanista, envolvendo-se com o planejamento de habitações para as pessoas mais carentes e com a elaboração de outros projetos de cunho social. Escreveu quase trinta livros sobre temas variados e suas maiores contribuições dirigiram-se aos campos da arquitetura, educação e planejamento urbano. Morreu aos 85 anos, em 2010 (White, 2010).

Baseados em seus estudos, pesquisadores no Reino Unido inspiraram-se em *The Child in the City*, objeto desta resenha, para explorar diferentes aspectos da temática infância e cidade. Ao tratar de espaços urbanos escolhidos por crianças para brincar, Owain Jones (2000) destaca que estes, muitas vezes, são considerados inapropriados pelos adultos. Pia Christensen e Margaret O’Brien (2003) defenderam, assim como Ward, que cidades devem ser favoráveis para que crianças vivam junto a outras gerações. Rachel Bowles (2004) lançou mão das ideias de Ward ao discutir alterações nos modos de vida de crianças urbanas que migraram para o campo.

Em linhas gerais, *The Child in the City* aborda a relação de crianças com a cidade em suas ações cotidianas e identifica diferentes maneiras de experimentação do espaço urbano quando elas brincam na rua, realizam caminhadas exploratórias pelos bairros, passeiam de carro por diversos trajetos ou até mesmo quando visitam áreas rurais.

Ward argumenta que em cada uma dessas atividades, tão corriqueiras na infância, as crianças mostram-se sensíveis àquilo que acontece em seu meio físico e social.

A obra indica um conceito que permeará todos os capítulos, o de que a cidade é um laboratório de aprendizagens para as crianças. Contando com vários depoimentos de crianças, o autor privilegia três temáticas fundamentais que envolvem as crianças em suas vivências na cidade: cotidiano, espaços públicos e privados e planejamento urbano. O autor considera teorias de diferentes campos, representadas nas obras de Jim Blaut, Yi-Fu Tuan, Kevin Lynch, Albert Hunt, Jean Piaget e Claude Brown para demonstrar que a melhoria da vida das crianças na cidade, conseqüentemente, também beneficiaria os adultos. Vale notar que apesar de mencionar diversas pesquisas, Ward não pretendeu analisar amostras aleatórias de milhões de crianças em centenas de cidades, mas sim sensibilizar-se e aprender por meio da observação de um pequeno grupo. Por isso, a maioria de seus exemplos são de experiências de crianças na Inglaterra e nos Estados Unidos.

A obra está organizada em vinte capítulos agrupados em três partes. A primeira parte, “At home in the city”, inclui os sete primeiros capítulos e aborda questões referentes à cidade como um lugar de acolhimento. A segunda parte, “Using the city”, compreende do oitavo ao décimo quarto capítulos e trata dos limites e possibilidades de desfrute da cidade pelas crianças. Compõem a terceira parte, “City wise”, os capítulos décimo quinto ao vigésimo, que ilustram iniciativas de cuidado da comunidade que motivaram crianças a aprender sobre e respeitar os espaços públicos da cidade. A seguir, cada uma das partes do livro, e seus capítulos, será explorada.

A primeira parte, “At home in the city”, demonstra o modo pelo qual as crianças percebem os espaços, evidenciando lógicas peculiares e diferentes dos adultos. Esta discussão ganha destaque nos capítulos “Paradise Lost?”, “How the child sees the city” e “Antiquarians, explorers, neophiliacs”, quando o autor chama atenção para a capacidade de crianças perceberem o mundo por meio dos sentidos. Ainda afirma que, assim como os adultos, as crianças envolvem-se com os lugares tanto física como socialmente, criando um sentimento de pertencimento a partir de suas experiências individuais e coletivas. Esse envolvimento emerge quando crianças percorrem, constroem e percebem os lugares a partir de ligações com o seu cotidiano e a sua identidade.

Seguindo, os capítulos “Happy habitat revisited” e “A suburban afternoon” referem-se à temáticas comuns nos estudos sociológicos urbanos, como a marginalidade e a exclusão social, mas abordadas na obra a partir da perspectiva das crianças. Deste modo, o autor trata da função da cidade, que deveria promover a todos os habitantes um espaço de bem-estar e socialização. Ao invés disso, um grande número de pessoas foi atraído para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida, e não as encontrou, uma vez que o poder público não conseguiu garantir infraestrutura suficiente. Assim, tal ideal nem sempre é alcançado, acarretando precarização de condições das camadas mais pobres da população, o que afeta diretamente o crescimento e o desenvolvimento das crianças.

Ao finalizar as considerações da primeira parte do livro e já introduzir a segunda, “Using the city”, o autor apresenta algumas realidades de infância nos capítulos “Privacy and isolation”, “Adrift in the city” e “Filling the shelves of the supermarket”. Valendo-se de alguns exemplos, argumenta que as crianças de

famílias pobres, muitas vezes, não têm um dormitório só seu, o que não lhes garante privacidade, ao mesmo tempo que provavelmente possam sentir-se socialmente isoladas. Outro exemplo se refere às crianças procedentes de famílias pobres que passam a viver nas ruas, às vezes por opção, fugindo de maus tratos ou abusos, ou por terem sido abandonadas. Ainda, destaca motivos associados às condições precárias de vida e de moradia que levam crianças a trabalharem, explicando que estes variam de acordo com a cultura, com as necessidades familiares, e com os desejos da própria criança. Apesar das dificuldades encontradas por crianças moradoras de rua, elas se apropriaram de diversas aprendizagens, pautadas pelas variáveis idade e gênero, sendo a rua um lugar de convergência da pluralidade da infância.

O espaço público e privado na cidade ganha uma reflexão mais pontual nos capítulos “Colonising small places” e “Adapting the imposed environment”. O primeiro exibe fotografias de crianças, em grupos ou individualmente, ao ocuparem diferentes espaços da cidade, como, por exemplo, esquinas, ruas, calçadas, construções, bueiros. O capítulo subsequente apresenta uma crítica aos adultos que constroem *playgrounds* e parques para as crianças sem considerá-las como referência, pois, ao instalarem esculturas ao invés de fornecerem materiais para que as crianças realizem suas próprias criações, usurpam a capacidade criativa da criança. O autor assume que crianças não são limitadas e, por isso, brincam onde quer que estejam e com qualquer objeto; mesmo que os espaços planejados para elas não atendam às suas necessidades criativas, portanto, subvertem os usos baseados na lógica adulta e criam lugares delas.

Na conclusão da segunda parte do livro encontram-se os capítulos “Play as protest and exploration”, “The specialist city”, “Traffic and the child” e “Wheels in the street”, que expõem algumas (im)possibilidades das crianças ao usufruírem a cidade, seja por meio de suas brincadeiras, que por vezes assumem um caráter de protesto contra as imposições dos adultos, podendo até resultar em vandalismo, seja pelas mais diversas atividades de envolvimento com a comunidade. Por um lado, Ward lembra que as crianças vivenciam o trânsito da cidade e têm sua mobilidade restringida, pois o planejamento urbano prioriza a frota de carros. Por outro lado, argumenta que a garantia de mais ciclovias e calçadas largas, permitiria o uso da bicicleta, que favoreceria a independência das crianças, mas que na visão dos adultos é sinônimo de perigo e desprazer. Assim, cada vez mais, parece que o espaço não mais garante encontros e trocas; foi transformado preponderantemente em um lugar de trânsito agitado, onde pessoas apenas dirigem e passam rapidamente. Cada vez mais pessoas andam em carros ao invés de caminharem, sua relação com a cidade se torna desconexa, seu conhecimento sobre ela passa a ser superficial e muitos de seus habitantes nem mesmo se sentem parte dela.

Já na terceira e última parte do livro, “City wise”, o autor expõe a relação entre gênero e possibilidades de viver a cidade. Especialmente o capítulo “The girl in the background” enfatiza que as meninas, por causa das restrições das famílias, foram muito menos visíveis nas cidades do que os meninos, e seu acesso foi negado tanto às ruas centrais quanto às esquinas. O conceito de cidade como laboratório de aprendizagens para as crianças é retomado e tratado com mais afinco nos capítulos “At school in the alien city”, “The city as resource” e “Four exemplary enterprises”, os quais sugerem não ser preciso um grande montante de dinheiro

para investir nas escolas e, conseqüentemente, melhorar as cidades. As escolas poderiam proporcionar a exploração da cidade pelas crianças, para que assim pudessem contribuir com sua limpeza e conservação. A partir dessa perspectiva, fica claro que as crianças não podem ter sua infância limitada aos espaços especializados e considerados pelos adultos como seguros, mas também necessitam de experiências em lugares abertos e aleatórios, ao mesmo tempo convenientes e interessantes, tais como as calçadas, as ruas, o bairro, o parque, entre outros.

Por fim, Ward conclui o livro sugerindo propostas de políticas públicas de urbanização, nos capítulos “Town child as country child” e “In the sandbox of the city.” Para tanto, contrasta as condições de vida das crianças do campo e da cidade, apontando benefícios do contato com a natureza. Ao mesmo tempo, mostra que para a cidade melhorar é necessário manter parques e praças mais acolhedores e com mais áreas verdes. Sinaliza ainda que tais mudanças são possíveis apenas com políticas públicas eficazes e de qualidade, o que geralmente não ocorre, pois o governo desenvolve políticas de planejamento e urbanização sem a participação de seus cidadãos, o que gera um desencontro entre necessidades reais dos habitantes e as implementações realizadas pelo governo.

As análises e proposições de Ward demonstram que, apesar de ser um livro da década de 1970, passados 40 anos, suas discussões são atuais e ainda retratam o cotidiano das crianças nas cidades contemporâneas. O livro ainda tem apelo e nos faz refletir a respeito dos limites e possibilidades que crianças encontram nas cidades. E mais importante, a qualidade de vida das crianças parece ainda não ter sido amplamente garantida, como Ward (1978: 31) afirma “[...] uma demanda surge para o espaço social – a demanda de a cidade das crianças ser parte da vida da cidade.”

Referencias bibliográficas

- Bowles, R. (2004). Children's understanding of locality. *Researching Primary Geography*, 1 (special publication), 29-42.
- Christensen, P., O'Brien, M. (2003). Children in the city: introducing new perspectives. Em P. Christensen, M. O'Brien (Eds.), *Children in the city: home, neighbourhood and community* (pp. 13-28). London: Falmer Press.
- Jones, O. (2000). Melting geography: purity, disorder, childhood and space. Em S. L. Holloway, G. Valentine (Eds.), *Children's Geographies: playing, living, learning* (pp. 29-47). London: Routledge.
- Park, R. E. (1979). A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Em O. Velho (Org.), *O fenômeno urbano* (pp. 26-67). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Paula, J. A. de (2006). As cidades. Em C. A. L. Brandão (Org.), *As cidades da cidade* (pp. 21-33). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- White, S. (2010). Colin Ward, 1924-2010: The incremental anarchist. *Radical Philosophy*, 161, 67-68.
- Wirth, L. (1979). O urbanismo como modo de vida. Em O. Velho (Org.), *O fenômeno urbano* (pp. 90-113). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Rhaisa Naiade Pael Farias y Fernanda Müller
Universidade de Brasília (Brasil)
rhaisapael@yahoo.com.br; fernanda.muller@gmail.com